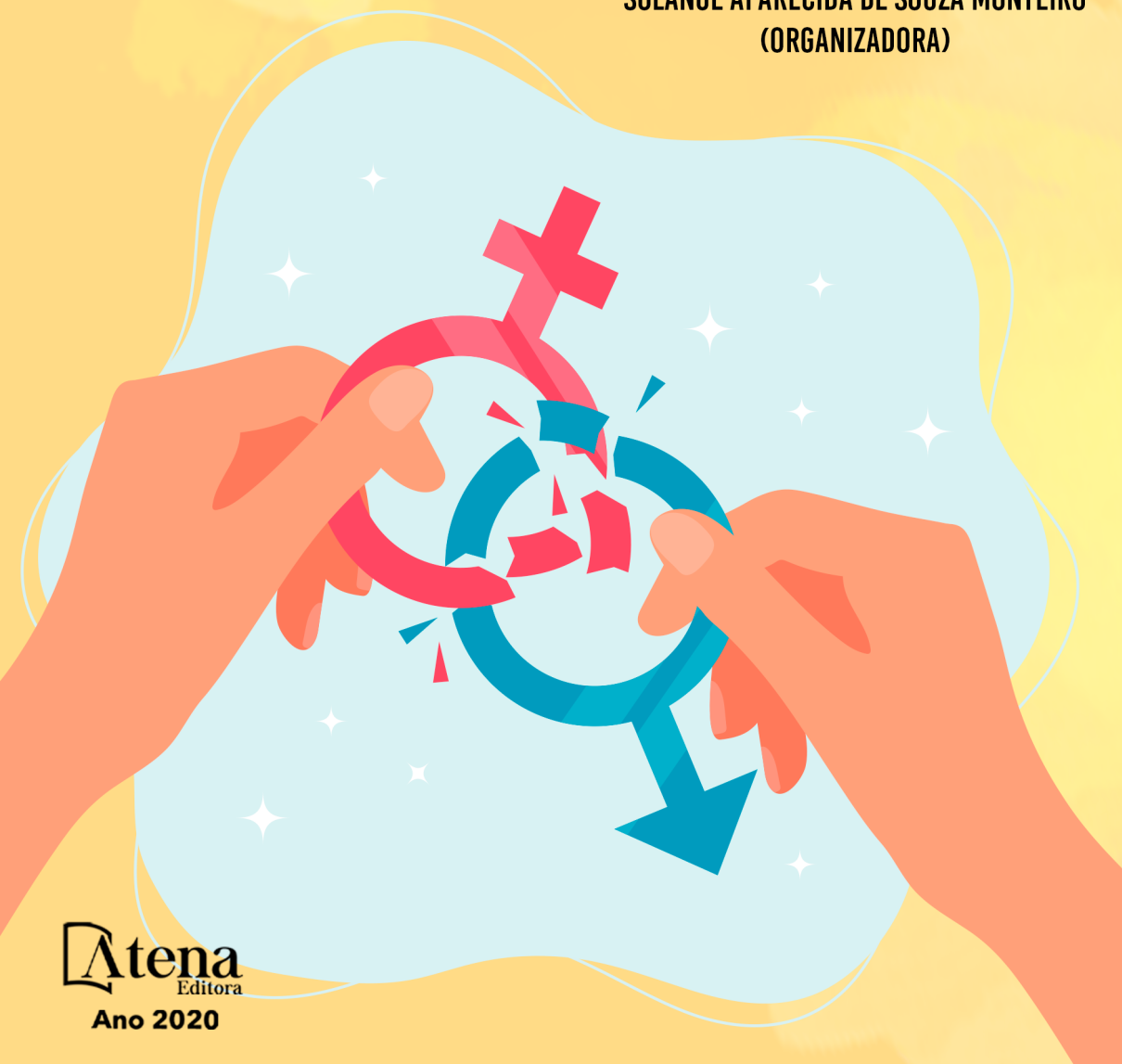


# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Emely Guarez  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Solange Aparecida de Souza Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M775r Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  
Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-451-1  
DOI 10.22533/at.ed.511203009

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I.Monteiro, Solange Aparecida de Souza..

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

### **SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM**

*Adriana Novais*

Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.

Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.

Jamais transariam sem vontade.

Se um dia as mulheres se enfurecessem não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.

Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.

Em fúria não usariam roupas desconfortáveis em nome da aparência.

Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.

Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.

Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.

Em fúria não seria escrava em sua própria casa.

Se um dia as mulheres se enfurecessem, calariam a boca dos padres e dos pastores que pregam o dever da sua submissão.

Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.

Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem e os filhos a não estuprarem.

Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem, escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.

Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.

Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as etnias, esmagariam todas as correntes da sua opressão.

Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade

As práticas sexistas podem decidir o que pertence ao mundo masculino e ao feminino, reguladas em estereótipos culturais arraigados desde a idade medieval como um padrão heteronormativo que deve ser seguido pela sociedade, se alguém desviar-se do prescrito será estigmatizado dentro do seu meio. Conforme os relatos de estudiosos nesse e-book, essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da diferenciação que alguns docentes fazem do menino e da menina, na formação das filas, dos crachás e até mesmo nas escolhas dos brinquedos. Assim quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para o seu gênero conforme o padrão heteronormativo elas são repreendidas na família, na escola e na sociedade

Finco (2003) aponta

[...] relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza sem a interferência de ninguém padronizando um perfil como certo ou errado (FINCO, 2003).

Para Louro (2000), desconstruir essa forma de pensar desmistifica esses dois planos homem e mulher, retira-se esse pensamento de como se fossem dois polos diferentes e não pudessem ocorrer as interações entre eles. Essa proposta da desconstrução das dicotomias busca enfatizar estes dois polos não existem, ocorre uma pluralidade e, através dessas dicotomias pode ser um dos primeiros passos para um questionamento das relações de gênero levando ao fim do sexismo. Para a autora, existe uma lógica dualista que rege as polaridades, desmontando não apenas a ideia de que cada um dos polos masculino e feminino está presente um no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. Esse processo de desconstrução não ocorre de maneira simples, mas ao longo prazo através de uma reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam diante das diferenças de gênero na infância. É de extrema necessidade desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto brinquedos e brincadeiras assumirem papéis de masculino ou feminino na escola estaremos fadados ao insucesso. Apesar de todas essas situações apresentadas estarem implícitas no dia a dia da escola e nas práticas pedagógicas de alguns docentes, a temática

ainda é muito restrita, geradora de medo, desconhecimento e pouco científico. Deve-se sair do senso comum, do conservadorismo, do obscurantismo, sobrepondo-se a vigilância epistêmica, no agir de forma questionadora, enfrentando o que nos causa tanto receio e que nos destina a fortalecer recrudescimento, desfazendo mitos e tabus no sentido de disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer pedagógico para emancipar por meio da educação e das meninas e dos meninos pode ser uma forma de florescer dentro dos muros das escolas.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

MUJERES Y EDUCACIÓN: UNA HISTORIA EN LA PROVINCIA MEXICANA A MEDIADOS DEL SIGLO XX

*Cirila Cervera Delgado*

*Mireya Martí Reyes*

*Esteffany Muñiz Paz*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030091**

### **CAPÍTULO 2..... 12**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO

*Andressa Santos de Almeida*

*Tercília Júlia Oliveira Rodrigues*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030092**

### **CAPÍTULO 3..... 24**

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA IDENTIFICAÇÃO FEMININA, DA DICOTOMIA À FRAGMENTAÇÃO

*Rafaela Sepulveda Aleixo Lima*

*Laís Teixeira Lima*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030093**

### **CAPÍTULO 4..... 36**

A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO

*Carla Rezende Gomes*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030094**

### **CAPÍTULO 5..... 56**

A GAROTA PIN-UP: OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

*Ana Paula Oliveira Barros*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030095**

### **CAPÍTULO 6..... 62**

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DA DIFERENÇA SEXUAL

*Rogério Goulart da Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030096**

### **CAPÍTULO 7..... 73**

MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

*Júlia Gonçalves Barreto Baptista*

*Thais Maria Nogueira da Gama*

Paula Land Curi

**DOI 10.22533/at.ed.5112030097**

**CAPÍTULO 8..... 84**

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Roberto Bezerra Costa

**DOI 10.22533/at.ed.5112030098**

**CAPÍTULO 9..... 96**

UMA VOZ FEMININA E DISSONANTE NA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE 1946 -1950: MARIA ANGÉLICA DE CASTRO

Cleyde Oliveira de Castro

Murilena Pinheiro de Almeida

Maria de Lourdes Esteves Bezerra

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho

Emerson Marques Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.5112030099**

**CAPÍTULO 10..... 110**

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Jascira da Silva Lima

**DOI 10.22533/at.ed.51120300910**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: OS REFLEXOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES LABORAIS FEMININAS

Leticia dos Santos Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.51120300911**

**CAPÍTULO 12..... 123**

GERENCIALISMO NEOLIBERAL E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

Paula da Luz Galvão

**DOI 10.22533/at.ed.51120300912**

**CAPÍTULO 13..... 134**

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Heintze Ferreira

Franciéle Marabotti Costa Leite

Letícia Peisino Buleriano

Rita de Cássia Duarte Lima

**DOI 10.22533/at.ed.51120300913**

**CAPÍTULO 14..... 155**

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel

José Valdinei Albuquerque Miranda

DOI 10.22533/at.ed.51120300914

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
A FORÇA SIMBÓLICA DAS POLÍTICAS DE COTAS DE GÊNERO NO BRASIL	
Pollyane Cunha Ferreira	
Rita de Cássia Alanna Pereira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.51120300915	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>187</b>
A INSERÇÃO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MARANHÃO	
Rosylene Conceição Soares Cutrim	
Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51120300916	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>201</b>
PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL	
Adenilde de Souza Dantas	
Maria Helena Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.51120300917	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>214</b>
SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES	
Jacqueline Mary Soares de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51120300918	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>224</b>
AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS	
Glauce Margarida da Hora Medeiros	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.51120300919	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>242</b>
REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO	
Reinaldo Eduardo da Silva Sales	
Mayara Mendes Leal	
Helen Batista da Silva	
Ítalo Fabiano Corrêa Silva	
Paulo Henrique Garcia da Silva	
Thiago Roniere do Rosário Matos	
DOI 10.22533/at.ed.51120300920	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>253</b>
INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/ AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS	
Karoline Pontes Cavalcante Manguinho	
Priscila de Vasconcelos Monteiro	

Maria Lúcia Duarte Pereira  
Monalisa Rodrigues da Cruz  
Catarina Laborê Vidal Fernandes  
Alana Kelly Áfio Caetano  
Bruna Karine Amorim da Costa  
Rita Maria Silva Almeida  
Rayssa Veras Camelo  
Rita de Cássia Gadelha da Silva  
Rachel Cabral Mota  
Laryssa Sá Machado

**DOI 10.22533/at.ed.51120300921**

**CAPÍTULO 22.....259**

**GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
Melissa Camilo  
Débora Cristina Machado Cornélio  
Débora Fernandez Antonon Silvestre  
Marilurdes Cruz Borges  
Jeize Loici Back  
Monique Delgado de Faria  
Fabrício Augusto Correia da Silva  
Silmário Batista dos Santos  
Valquíria Nicola Bandeira

**DOI 10.22533/at.ed.51120300922**

**SOBRE A ORGANIZADORA.....277**

**ÍNDICE REMISSIVO.....278**



## GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

*Data de aceite: 01/10/2020*

**Solange Aparecida de Souza Monteiro**

UNESP

**Melissa Camilo**

UNESP

**Débora Cristina Machado Cornélio**

UNESP

**Débora Fernandez Antonon Silvestre**

UNESP

**Marilurdes Cruz Borges**

UNIFRAN

**Jeize Loici Back**

UNIOESTE

**Monique Delgado de Faria**

UNESP

**Fabrcio Augusto Correia da Silva**

UNESP

**Silmário Batista dos Santos**

IFSP

**Valquíria Nicola Bandeira**

UNIARA

**RESUMO:** Este estudo sobre o ser mulher, inserida em contexto patriarcal e capitalista, por meio de elementos sócio-psicológicos que influenciam na vivência e construção do papel feminino em relação a sua sexualidade. A sexualidade constitui um dos principais dispositivos de controle e produção de subjetividade na sociedade ocidental. Desse modo, acredita-se que seja fundamental para a psicologia, na atualidade, problematizar alguns

de seus conceitos basais que organizam a forma como entendemos a constituição dos sujeitos, muitos explicitamente pautados por uma lógica heteronormativa de gênero e sexualidade. Buscou-se analisar o discurso feminino, destaca-se que a sexualidade dessas mulheres foi marcada por uma série de estratégias de interdição e transgressão em à relação fruição do prazer sexual feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, Sexualidade, Subjetividade.

**ABSTRACT:** This study on being a woman, inserted in a patriarchal and capitalist context, through socio-psychological elements that influence the experience and construction of the female role in relation to her sexuality. Sexuality is one of the main devices for controlling and producing subjectivity in Western society. Thus, it is believed that it is fundamental for psychology, nowadays, to problematize some of its basic concepts that organize the way we understand the constitution of subjects, many explicitly guided by a heteronormative logic of gender and sexuality. We sought to analyze the female discourse, it is highlighted that the sexuality of these women was marked by a series of interdiction and transgression strategies in relation to the enjoyment of female sexual pleasure.

**KEYWORD:** Genre, Sexuality, Subjectivity.

O olhar sobre a sexualidade é sempre rodeado de tabus e preconceitos. Questões referentes a gênero tendem a ser tratadas de forma ingênua, considerando-as naturais.

A sexualidade compreende, contudo, o (re)conhecimento de si mesmo, de limites e possibilidades na busca pelo prazer e está subjacente ao comportamento dos sujeitos nas relações sociais; já o gênero trata dos padrões comportamentais socialmente estabelecidos.

Define-se, então, papel sexual como um conjunto de valores, reações, atitudes e comportamentos que são considerados referência em determinado sexo em uma cultura ou momento histórico determinado. Nunca poderemos falar sobre papel sexual sem antes nos atentarmos aos momentos históricos a qual ele está diretamente ligado, pois tais papéis só existem em função do contexto social a qual olharmos. Dessa forma, correu os dois primeiros capítulos desse trabalho. Agora, traremos esse assunto para mais próximo da nossa realidade atual.

No Brasil, atualmente – muito em decorrência do governo vigente -, constatamos que os papéis masculino e feminino são bem determinados e um tanto distintos. Isso numa visão macro e governamental, mas quando olhamos mais afundo a realidade que nosso país se encontra, conseguimos definir infinitos modos de se ser homem e mulher. Percebemos que as características habitualmente apresentadas por mulheres e homens são mais amplas do que querem nos fazer acreditar.

A hipótese de que as crianças aprendem todos os comportamentos – inclusive o papel sexual – através de influências e reforços tem sido defendida por muitos pesquisadores e escritores que foram usados como referência nesse trabalho. Seguindo essa concepção, a criança seria ensinada desde bem pequena pelos agentes socializadores – através de reforço positivo e negativo – a ter reações de acordo com os padrões de comportamento esperados e prescritos pela cultura a qual ela está inserida.

Assim, toda e qualquer conexão com o mundo e com os agentes faz com que a criança adquira concepções e visões de mundo de acordo com o que ela está interagindo diariamente. A aquisição do papel sexual na infância se faz pela identificação com os modelos reais (pais, professores, amigos...) ou simbólicos (personagens, filmes, histórias, ...) aos quais ela está exposta.

Para Freud (1923), o processo de identificação seria responsável pela internalização das normas e valores culturais que policiam as condutas dos indivíduos (Super-Ego) e determinando também suas aspirações (Ego Ideal). O comportamento imitativo, que pode fazer parte do processo de identificação, seria a expressão comportamental da assimilação do outro – o modelo – a nível de inconsciente profundo.

Maccoby (1959) acredita que essa identificação seria semelhante a representação de papéis, sendo a criança um imitador de representações comportamentais que não fazem parte da subjetividade dela, mas que fazem parte do mundo adulto que ela está inserida. Ela quer se sentir parte do contexto, aninhada ao que acredita, mesmo que de forma limitada, que seja o que os agentes esperam.

Assim, mesmo que com algumas divergências, Freud e Maccoby se alinham ao acreditar que os modelos sociais podem limitar os comportamentos reais e subjetivos das

crianças, fazendo com que elas sejam parte de um contexto aceitável. Aqui, não negaremos que a imitação faça parte do processo de aprendizagem. Porém, não deve ser o único a definir o que a criança é e pode ser. Com a identificação ou imitação de papéis, a criança substitui aspectos de sua identidade por aspectos (percebidos ou inferidos) da identidade do modelo.

A auto categorização básica das crianças, enquanto menino ou menina, se daria pelas concepções a ela apresentadas durante toda a infância, e conduziria – pela tendência – a valorização do que é típico ao comportamento do próprio sexo. Assim, categorizando-se como menino, passaria a valorizar o que é descrito como masculino; quando menina, passaria a valorizar o que é descrito como feminino. A identificação com o papel sexual adequado seria dependente da auto categorização da criança e de seus motivos para preservar uma autoimagem positiva perante a sociedade, evitando conflitos e situações de desequilíbrio social e familiar. A criança buscaria ativamente a identificação com figuras semelhantes, isto é, aquelas que lhe é apresentada como modelos de feminino e masculino, criando-se também uma carga emocional perante esses modelos, tentando “agradar” os agentes, impossibilitando o “passeio” pelos diversos jeito de ser homem ou mulher, e se prendendo a um único e específico.

Na escola, a convivência entre as crianças possibilita diferentes aprendizagens e modelos do que seriam os papéis sexuais, além de aguçar seu interesse sobre o que é diferente e que foge da sua própria realidade. Nessa perspectiva, cabe ao professor – um dos agentes mais importantes da formação das crianças – problematizar, questionar, dialogar e explanar elementos inerentes aos papéis sexuais e demais condições que impliquem no que é considerado ser homem ou ser mulher, auxiliando na expansão de consciência e constituindo aspectos essenciais para o desenvolvimento durante toda a infância.

Resgatando a etimologia de *infans* – aquele que não fala – seria possível compreendermos a sexualidade infantil como aquela que não fala e sobre aquela que não se pode falar.

A sexualidade infantil recebe pouca importância do educador e isto acontece quando desconhecemos que a sexualidade envolve a história da vida e seus segredos, as emoções e sentimentos, expressos e experimentados por pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis sociais e relacionamentos. Somos e sempre seremos a nossa própria sexualidade! Pois dela nasce toda e qualquer particularidade, subjetividade e consciência.

As mudanças políticas, econômicas e culturais influenciam de forma direta a escola e toda a sua configuração. O mesmo acontece com os papéis ligados a sexualidade, que por mais que sejam negados, conseguem adentrar os muros das escolas e fazer parte do contexto educacional. As suas vivências e implicações, alteram e variam as formas como as escolas deveriam trabalhar essa temática. Mudanças sempre ocorrem em diferentes

áreas, influenciando pessoas, culturas, costumes, sociedades, tempo e espaço. Não pode ser diferente quando olhamos para o espaço educacional.

As polêmicas geradas em torno desse assunto são baseadas geralmente em conceitos religiosos, crenças, tabus, preconceitos; que muitas vezes se manifestam e dificultam o trabalho docente. Esses conceitos tendem a cristalizar padrões comportamentais, fazendo com que professores façam tentativas de imposição desses como verdade absoluta e imutável. Apesar dessas tentativas de imposição, convivemos e sempre iremos conviver com sujeitos que buscam a vivência livre de moldes rígidos. A defesa social da heteronormatividade nos evidencia que a sexualidade, o gênero e seus papéis possuem em sua volta uma espécie de invólucro e ultrapassar e discutir as suas minúcias ainda gera desconfortos sociais e pessoais.

Todos estivemos, estamos e estaremos ligados a sexualidade até o último dia das nossas vidas. Seja no próprio ato sexual, nas condutas de comportamentos adequados, quando saímos na rua ou caminhamos dentro de um shopping. A todo momento a sexualidade, os gêneros, os padrões e papéis sexuais estarão diante de nós. O questionamento que fica é: quais as nossas motivações pessoais que nos impedem de tratar esse tema com naturalidade com os nossos alunos? Quais nossos traumas, inclinações, atitudes, que nos impedem de conversar sobre essa temática sem nos sentirmos ultrapassando um limite social?

Segundo Braga:

“Além da própria experiência pessoal, os (as) professores (as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio [...]. Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos entre outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional.” (Braga, 2009, p.133)

Temos medos e conceitos enraizados que muitas vezes nos colocam defronte a nós mesmo, aos nossos anseios e crenças. Porém, quando lidamos com as crianças – em especial nossos alunos – precisamos ter a consciência de que tudo o que fizermos irá afetar diretamente o desenvolvimento amplo delas. E é nesse ponto que o empasse acontece. Aqui, precisamos lembrar de que o ensino é laico<sup>1</sup> e que deveria ser livre de qualquer tipo de julgamento e aberto a liberdade de informação.

Consideramos assim, de fundamental importância que o trabalho do docente esteja sempre pautado e ligado a estudos sobre sexualidade – em sua forma mais ampla – para que exista, vista a necessidade de problematizar, questionar, dialogar, mas principalmente de compreender os elementos culturais, sociais e históricos que constituem e configuram os aspectos da vida humana.

1. O ensino laico é pautado pela atitude crítica diante do conhecimento, ou seja, não há conhecimento sagrado ou inquestionável. Tudo pode ser posto sob o exame da razão. Dessa forma também, o professor não deve ser visto como o detentor do saber absoluto, colocando a sua experiência e expectativa como foco central no processo de ensino-aprendizagem das crianças. A educação laica não objetiva “pôr as crianças nos trilhos”, mas mostrar que existem milhares de trilhos, vagões e destinos que a criança pode seguir, ir e voltar, ou simplesmente passear sobre eles.

Aqui, salienta-se a necessidade e a importância de uma formação inicial e contínua em torno da temática, numa perspectiva teórico-metodológica que

“Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura das genitais. Educação sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo, anestesia o resto do corpo (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p.55)

Existe a necessidade de termos profissionais mais capacitados para trabalhar com educação sexual e toda a gama de assuntos que o permeiam, pois, quando consideramos a sala de aula, temos um espaço complexo e cheio de diversidade de conceitos, experiências e contextos que ocorrem na vida cotidiana de cada aluna e aluno; acontecimentos que na maioria das vezes não estão incluídos nos currículos escolares e, que são conseqüentemente, situações novas para os professores e demais alunos.

A sexualidade tem um caráter altamente mutável não apenas pelas particularidades de cada cultura, mas também pelo modo singular com que cada pessoa assimila a tradição social por meio de suas linguagens, fantasias, símbolos e representações.

Muitas investigações científicas, como as já mencionadas, tem evidenciado nas falas de educadores, construções que carregam em si marcas de sofrimento e silenciamentos sobre um sexual marcado pelo puritanismo moderno – que ganhou força principalmente na Idade Média – imposto por um controle onde, supostamente, “não há nada para dizer, nada para ver, nem para saber” (FOUCAULT, 1977, p.10). Modela-se o comportamento sexual humano com um pacto de silêncio que passa de geração em geração, sociedade em sociedade...

Infelizmente, ainda hoje, quando pensamos em Educação Sexual, a maior parte dos professores relaciona as questões ligadas a compreensão biológica, enfatizando principalmente atividades que priorizam um caráter higienista e preventivo. Cria-se um sinônimo entre sexualidade e sexo, sendo discutidas basicamente dentro das aulas de ciências, como meio de disseminar informações quanto a doenças sexualmente transmissíveis, sistema reprodutor, contracepção, dentre outro. Nesse contexto, Fagundes (2005, p.14) considera que

“Sexualidade e reprodução são processos que se expressam graças a órgãos específicos do ser humano e, por isso, têm uma estreita relação, mas não significam a mesma coisa. Reprodução é o processo pelo qual a vida é gerada [...] Sexualidade é muito mais do que ter um corpo apto para procriar e apresentar desejos sexuais; pressupõe intimidade, afeto, emoções, sentimentos e bem-estar individual decorrentes, inclusive, da história de vida de cada pessoa.”

Longe de dizer que esses assuntos não são importantes e relevantes, mas focando apenas neles, deixamos um universo de informações fora do alcance dos alunos. Tentamos proteger o biológico, alertando, mas esquecemos que nem sempre o problema está onde enxergamos. Crianças precisam de uma educação para a sexualidade para entender que ela engloba todo o resto das questões. Isso se ela não for realmente a chave para os demais problemas.

Nessa perspectiva, sexualidade compreende formas, jeitos, maneiras de as pessoas expressarem a busca pelo prazer – sexual ou não –, as quais se fazem presentes em seus pensamentos e emoções, em suas ações e interações. A sexualidade se manifesta, então, a todo o momento, em todo e qualquer espaço em que o sujeito, meninos e meninas, homens e mulheres, está inserido.

Além disso, um pensamento recorrente é que a sexualidade se fundamenta apenas na puberdade, onde alguns levantam que seria o momento propício para uma discussão com os alunos, haja vista que é somente nessa idade que a capacidade reprodutiva esta desenvolvida. No entanto, nos apoiamos na concepção de FURLANI que defende que

“[...] A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a 'iniciação sexual' só é possível a partir da capacidade reprodutiva” (2009, p.45).

Crer que a sexualidade está apenas em um período ou época propicia, demonstra uma concepção alicerçada em preconceitos, tabus e equívocos teóricos. Sendo que a criança é portadora de uma curiosidade nata em torno de suas vivencias,

“ A pratica de reprimir, inibir, de escamotear e esconder a expressão e a curiosidade da criança é responsável pela maioria das crises e contradições dos conflitos emocionais e sexuais de nossos adolescentes [...] Não há plausibilidade educacional em esperar um suposto tempo de maturação para abordar a sexualidade das crianças, acreditando que 'quando chegar o tempo', serão criadas as condições de diálogo e informação sobre o universo sexual e afetivo. É o mundo adulto a esfera institucional que deve oferecer esta alternativa e abrir esta perspectiva pedagógica. Não será possível falar com ressonância e respeito sobre sexualidade, amor, gratuidade e prazer, aos adolescentes se não foram construídas pontes e suportes na infância. Não é possível acreditar que o acesso aos adolescentes será fácil e natural se durante todos os conflitos emocionais e afetivos da criança o pai ou educador mantiveram-se ausente, reticente, relutante e indiferente” (NUNES; SILVA, 2000, p. 118-119).

Entre as décadas de 1970 e 1980 impulsionou-se a elaboração de práticas pedagógicas que abordassem o trabalho com sexualidade e todas as suas esferas. Alguns aspectos desses projetos baseavam-se na tentativa de esquivar o estudo da sexualidade dos conceitos biológicos. (CESAR, 2009)

Fagundes (2005) assevera que a sexualidade “[...] se associa aos componentes biológicos e psicológicos [...]” e “[...] se traduz pelo social, histórico e cultural [...] plasmada pela linguagem, normas e valores vigentes nas sociedades, em diferentes épocas”. Pode-se afirmar, então, que a sexualidade está condicionada a fatores internos e externos ao ser humano, os quais, num processo de influência mútua, contribuem para o contexto de vida de cada indivíduo e, conseqüentemente, para a forma como a sua personalidade será desenvolvida.

Contudo, a maioria das atividades pedagógicas desenvolvidas na escola, no que se refere a sexualidade, segue um enfoque tradicional. Ou seja, as abordagens utilizadas limitam-se a conscientização, sem problematizar quanto as suas diferentes culturas, as sociedades, o amor e ao prazer sexual (MEYER; KLEIN; ANDRADE, 2009)

Partindo desses pensamentos, tem-se como tese que toda e qualquer relação, situação e desenvolvimento experimentado pelo sujeito, durante suas fases (infância, adolescência, idade adulta e senilidade), são tomadas como referenciais nas várias dimensões da vida do ser humano, incluindo, aí, a sexualidade na forma como ela pode ser concebida, internalizada e manifestada.

Entende-se, dessa forma, que se o assunto é rodeado de culpas, medos, pressões e repressões, provocam-se mal-estar, rubores e constrangimentos ao ser abordado; tende-se a evitá-lo ou a discuti-lo “[...] em conversas de voz baixa, com reservas e com poucas pessoas”. (LOURO, 2001, p. 133). Se, por outro lado, compreende-se que a sexualidade é “[...] elemento constitutivo da pessoa, é dimensão e expressão da personalidade” (FAGUNDES, 2005, p. 14), desconstroem-se preconceitos, deboches, malícias com que o tema é tratado; desfazem-se os “[...] dualismos: saudável/doentio, normal/anormal (ou desviantes), próprio/impróprio, benéfico/nocivo, etc.” (FAGUNDES, 2005, p. 14), rompendo com ideias e representações simplistas sobre o assunto.

Pode-se entender, assim, que cada sujeito possui uma forma singular de exprimir a sua sexualidade, não havendo, portanto, certo ou errado, mas, apenas, diferente(s) maneira(s) de manifestá-la. Nesse sentido, é preciso libertar-se de estereótipos, de conceitos sociais previamente construídos, os quais conduzem o pensar e o agir sobre mundo, a um único sentido, a uma única direção.

Para se romper, contudo, com esse tipo de pensamento, faz-se necessário tanto quanto discutir sexualidade, discutir, particularmente, questões sobre gênero, pois as representações socialmente concebidas acerca do feminino e do masculino repercutem na(s) forma(s) de expressão da sexualidade de meninos e meninas, de homens e mulheres. E é nesse ponto que a escola, assim como seus professores, tem uma parcela de responsabilidade social.

## O DOCENTE E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

É muito comum, principalmente ao universo infantil, brincadeiras de faz-de-conta. Ora imitando a rotina escolar, ora imitando a rotina familiar; sempre trazendo essa relação de imitação de conceitos. Crianças e adolescentes veem os professores como detentores do saber e do conhecimento, tendo-os como pontos de referências em diversos aspectos educacionais e sociais, transformando-os em pessoas que se podem creditar confiança e credibilidade.

Dessa forma, docentes, homens e mulheres, exercem importante função durante o processo de escolarização de crianças e adolescentes, meninos e meninas, tornando-se referenciais em suas vidas, representando, por vezes, o modelo de ser social, homem mulher, que se pretende ser.

Nesse sentido, percebe-se que tudo que é feito e dito por professores e professoras pode ser relevante para seus/as alunos e alunas, podendo repercutir em suas mentes, provocando reflexões que permitam mudanças em sua forma de agir e pensar. Dito isto, docentes precisam atentar para as muitas questões que se fazem presentes no cotidiano escolar, pois a forma como abordam, procedem e se posicionam diante delas pode influenciar a forma como seus alunos e alunas se comportam diante das mesmas.

Questões sobre sexualidade podem ser, aí, incluídas, afinal elas estão

[...] queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula –assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes.” (LOURO, 2003, p.131).

Acerca das questões de gênero, de acordo com Lima (2000, p. 12), é, também, na escola que elas tomam corpo, se formalizam, sedimentam-se e dão bases “[...] à divisão de papéis sociais exercidos por homens e mulheres”. Esses papéis influenciam as múltiplas dimensões da vida dos sujeitos, delineando, inclusive, sua sexualidade.

O ambiente escolar, por vezes, representa para os atores sociais que aí convivem, meninos e meninas, o único canal seguro e confiável para tratar sobre o tema da sexualidade, visto que nem sempre se desfruta de uma estrutura familiar que se mostre aberta ao assunto, até por conta da forma como ele é socialmente abordado: restringindo-se ao aspecto genital, limitada ao ato sexual. Por conta disso, a vergonha e a timidez impedem, também, que se busquem os espaços que oferecem o suporte e a infraestrutura adequados, para se sanar dúvidas e inquietações.

Dessa forma, a fim de que concepções errôneas e simplistas não continuem sendo propagadas, fazendo com que a sexualidade se mantenha na obscuridade e no campo da obscenidade, é preciso que professores e professoras estejam preparados/as para discutir o tema sob uma perspectiva mais ampla, fazendo-se perceber que a sexualidade



é mais uma dentre as dimensões humanas existentes, desconstruindo, assim, tabus e preconceitos que a cercam. É com a mesma postura crítica que se faz necessário tratar de questões referentes a gênero, pois, tendo em vista a sua construção social, é imprescindível não permitir, na escola, a (re)produção e manutenção de visões sexistas, dicotômicas e estereotipadas acerca de homens e mulheres.

Considerando que a escola atende a crianças e adolescentes de classes, níveis culturais, faixas etárias e etnias distintas, este é lugar propício para o exercício da democracia, no que se refere a aprender a conviver e respeitar as diferenças existentes entre os sujeitos, repudiando qualquer forma de tratamento desigual.

É preciso que os currículos de formação de professores/as contemplem sexualidade e gênero no momento de sua concepção e construção, pois, considerando que este é um processo longo de formação, oportuniza-se uma melhor apropriação desses temas, possibilitando uma melhor sensibilização e um melhor aguçamento dos sentidos para percepção dessas questões, tratando situações e problemas de forma pertinente, dando os encaminhamentos possíveis e necessários.

Sobre o assunto, Carvalho (2004, p. 28) considera que a “[...] formação docente inicial e continuada deve ampliar os espaços de reflexão sobre a ação docente e empoderar/instrumentar educadoras e educadores para o desafio da reflexão na ação”.

Não se trata, aqui, de fazer da escola espaço terapêutico para tratar de questões sobre a sexualidade, muito menos palco de lutas e disputas acirradas entre sexos, mas sim de ressignificar seu papel, respondendo a demandas que emergem da sociedade, bem como da família e da comunidade onde se insere, tratando os temas de forma pertinente, realmente enxergar quando os mesmos surgem no ambiente escolar. Dessa forma, professores e professoras “[...] precisam estar afinados para que sejam capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas [...]” (LOURO, 2003, p. 59) formas de manifestação e expressão de sexualidade e gênero na organização e no fazer do cotidiano escolar.

	Titulo	Autores	Base de Dados
01	Por uma noção corporalizada e posicional de subjetividade de gênero	Ana Urpia	Rev. psicol. polít. vol.20 no.48 São Paulo maio/ ago. 2020
02	O dispositivo em Michel Foucault: uma revisão de literatura a partir dos estudos de gênero e sexualidade	Maycon Douglas Silva Ribeiro e Gilson Gomes Coelho	Diaphora - REVISTA DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL
03	ROSANA PAULINO: ARTE, CRÍTICA, SUBJETIVIDADE	<i>Gustavo Dionísio, Gisele Sugawara</i>	<a href="https://periodicos.uff.br/revistagenero/issue/view/REVISTA%20G%C3%8ANERO">https://periodicos.uff.br/revistagenero/issue/view/REVISTA%20G%C3%8ANERO</a>

04	A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEXUAIS: POPULAÇÃO LGBTTI	Kamilla Rodrigues Leal da Costa 2 Margareth Campos Moreira	CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 1 , n. 2, p. 51-69, ago./dez. 2019
05	UM CORPO QUE ARDE: CORPOREIDADE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM CLARICE LISPECTOR	Giovanna Bucioi Pojar Fabio Scorsolini-Comin	Revista Subjetividades, 20(1): e7365, 2020
06	GENERO, SEXUALIDADE E COMBATE À VIOLÊNCIA	Aline Gadelha do NASCIMENTO, Carla Giovana CABRAL, Douglas Eduardo De MOURA, Jaqueline Dezanetti LIMA, João Vítor Aramaio da silva BRAGA	SEMANA DA DIVERSIDADE HUMANA, 4., 2019. Anais... Porto Velho: Centro Universitário São Lucas, 2020
07	Coletivo de debate em foco: gênero, sexualidade e educação	Catia Eli Gemelli , Luciane Senna Ferreira , Natally Arboite Berzagui, Gabriela Dadda Bittencourt , Elisa Daminelli, Aline Mendonça Fraga	Revista: Projeto de extensão “Coletivo de debate em foco: gênero, sexualidade e educação (IFRS)
08	AS CONSTRUÇÕES CONCEITUAIS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E CORPO E SEUS IMPACTOS NAS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO CONTRA AS MULHERES	Janaina Bueno Bady Adriano do Carmo Flores de Lima Denise Regina Quaresma da Silva	Revista Educação e Linguagens , Campo Mourão, v. 9, n. 1 7, jul./dez . 2020
09	Filhos, família e ambientes honestos: gênero, sexualidade e (des) criminalização do consumo de drogas	Breno Marques de Mello Tuanny Soeiro Souza	Revista Direito e Práxis

Quadro: Produção acadêmica – Gênero, Sexualidade e Subjetividade

Elaborado pela autora

De acordo com a autora do artigo primeiro, Urpam (2020) apresentou uma análise de um material que permite concluir que há uma íntima relação entre corpo e práticas de significação (semiose) no processo produtivo que tem como resultado a construção das subjetividades de gênero. Pode-se afirmar, com base nas elaborações teóricas acerca dos processos de subjetivação de gênero dessas diferentes autoras feministas, que o corpo sexuado, ou o sexo, como prefere Grosz (2000), “não é apenas uma variação contingente, isolada ou menor de uma humanidade subjacente. Ele não é trivial para o estatuto social e político de cada um do mesmo modo que se possa pensar que o é a cor dos olhos” (p. 83). Ao contrário, “[o sexo] é a íntegra do estatuto e da posição social do sujeito” (Grosz, 2000, p. 83). Significa dizer que o corpo sexuado - mas não somente, também

racializado, etarizado, patologizado - através de processos e práticas de significação, participa produtivamente da subjetivação, e faz diferença em todas as funções - biológicas, sociais, culturais, posicionando diferentemente os sujeitos no mundo. Para Errington, a lista de nossos atributos físicos, interpretados culturalmente como signos, é infinita, e culturas particulares constroem sentido de uns, ignoram outros, e inventam outros. “O sentido atribuído aos corpos está longe de ser universal”, diz Errington (1990, p. 21).

Entende-se que tanto o gênero como a sexualidade, enquanto dispositivos, se pronunciaram ao longo da história através de discursos deterministas sobre o sujeito, corpo, práticas e manifestações de sexualidade. Com a finalização das leituras, foi possível perceber que os temas: gênero e sexualidade aparecem com significados distintos ao longo da história, segundo as diferentes vertentes de pensamento. Reiteramos o importante papel da Psicologia, enquanto um dos dispositivos da ciência, que tem se encarregado de exercer uma função reconhecida no que tange, ao enfrentamento das opressões e violências produzidas pelos atravessamentos em torno das questões de gênero e sexualidade no Brasil. Neste sentido, salientamos que o conceito de dispositivo é um importante instrumento teórico-metodológico para fundamentar as discussões em torno das categorias de gênero, sexualidade, e a análise das proposições da psicologia no tocante aos elementos discutidos.

O objetivo deste trabalho foi de apresentar, relacionar, e discutir o conceito de dispositivo de Michel Foucault (1926-1984), articulando às categorias: gênero, sexualidade, e a psicologia, como elementos norteadores que não perdem de vista ou/e não estão distantes das proposições do conceito em questão. Tal proposta, ao trazer discussões em torno do conceito de dispositivo, pode contribuir para pensarmos criticamente a realidade cotidiana, muito imbricada por diferenciações que produzem desvantagens no modo como as pessoas são alocadas no tecido social. É importante frisar e nos atentarmos ao fato de que algumas produções acadêmicas, por não discutirem os conceitos a partir de um único prisma de significado, podem contribuir para o não atendimento das questões oriundas desta organização social das diferenças. Salientamos que a universidade tem um papel importante no processo de comunicação com a comunidade, ultrapassando os limites de seus muros e acervos. Ela deve de maneira efetiva, possibilitar a desconstrução de preconceitos e quebrar paradigmas limitantes através da oferta de espaços que debatam o gênero e a sexualidade nos campos de ensino, pesquisa e extensão. Esta pesquisa pode servir como substrato, ainda que tímido, para propiciar consciência da realidade social, cultural e econômica na qual as desigualdades são produzidas. Portanto, seria importante que as pesquisadoras e pesquisadores, sujeitos de certo saber/poder, conseguissem pensar num processo de aproximação mais amistoso entre o saber científico e o popular, pois ainda estamos muito distantes de uma realidade em que os debates que giram em torno das violações do gênero e da sexualidade não sejam mais necessários. Por fim, ressaltamos que todos os achados acerca do conceito de dispositivo aqui mencionados,

são de suma importância para reforçar a importância do legado de “descontentamento” deixado pelo filósofo francês Michel Foucault, que tanto contribuiu e se faz tão atual no que tange aos questionamentos sobre a necessidade de pensar e agir sobre os processos de desnaturalização/ desconstrução de costumes, crenças e papéis que tanto oprimem e potencializam a permanência de desconfortos na vida contemporânea.

O terceiro artigo buscou abordar questões relacionadas a etnicidade e gênero na produção de arte contemporânea no Brasil tomando como exemplo certas obras de Rosana Paulino (1967) que, particularmente, tematiza tais problemáticas ao tecer duras críticas ao racismo e ao machismo cotidianos. Trata-se de significativa valorização da poética afro-brasileira, assim como um resgate da história das mulheres negras no Brasil. Surge, tendo em vista que o campo da arte é produtor de subjetividade, uma forma de fazê-la atrelada ao feminismo e antirracismo, isto é, toda uma dimensão necessariamente ético-política que ronda as criações da artista. Suas obras também podem ser compreendidas, enfim, como modo de ressignificar a dor das mulheres negras, uma maneira de não esquecer o sofrimento vivido, mas de também produzir novas sensações com isso, retomar a ancestralidade afro e toda história que a permeia

O quarto artigo, Diante do cenário em que o país se encontra, no qual vários casos de agressões e mortes de pessoas LGBTTs têm se tornado manchetes, torna-se necessário discutir sobre a realidade dessa população, a fim de compreender de que forma as marcas dessa violência impactam o bem-estar subjetivo desses sujeitos. A construção das identidades sexuais não-hegemônicas, em um país com histórico de preconceito e discriminação tão extensos, é marcada por estigmas produtores de violência, marginalização e também pela violação do direito à vida da população LGBTTI. Diante do exposto, é importante compreender os processos que perpassam a formação das identidades dessas pessoas e os danos produzidos pela LGBTTI fobia, além de se pensar nos respaldos legislativos possíveis. O presente artigo, através de uma pesquisa exploratória de revisão bibliográfica, visou compreender e analisar a construção das identidades sexuais, com ênfase na população LGBTTI, bem como as violências às quais estão submetidas, discorrendo sobre a construção do conceito de gênero e das identidades sexuais. Assim, identificou-se a necessidade de romper com o estigma atrelado à essa população, visto que, mesmo com avanços legais, ainda se encontra marcada pelo preconceito e pela discriminação por não corresponder aos padrões cisheteronormativos, impostos e ensinados desde a infância.

Artigo 06 Nosso objetivo de pesquisa foi analisar o gênero resumo de comunicação do ponto de vista da construção de sentido, considerando texto e contexto produção e organização retórica do gênero. No momento atual em que a temática ambiental e as questões que envolvem gênero se encontram nos debates de várias áreas do conhecimento, não há como esquivar-se de analisar as relações da sociedade com o meio ambiente.

No artigo sétimo apesar de as questões que atravessam gênero e sexualidade estarem presentes de forma muito intensa no cotidiano escolar, o entrelaçamento de uma série de elementos como dúvidas, inseguranças, preconceitos e desconhecimentos podem inibir a realização de discussões sobre esses temas. A partir de demandas da comunidade interna e externa ao IFRS/Campus Osório, o projeto de extensão “Coletivo de debate em foco: gênero, sexualidade e educação” surgiu com o objetivo de promover ações pedagógicas que buscam problematizar conceitos e aprofundar discussões de temáticas relacionadas a direitos humanos, desigualdade de gênero, feminismos, violências, bem como outras questões surgidas das relações de gênero e sexualidade. Esse relato de experiência propõe-se a apresentar algumas das ações realizadas durante o ano de 2019, dentre elas, palestras, rodas de conversa e intervenções artísticas, que fomentaram a reflexão crítica e proporcionaram a possibilidade de quebra de paradigmas instituídos/cristalizados no âmbito educacional.

No artigo oitavo tema deste artigo teórico são as construções conceituais de gênero, de sexualidade e de corpo e seus impactos nas violências de gênero contra as mulheres. O problema apontado é se as ideias correntes de gênero, sexualidade e corpo ocasionam consequências nas diversas formas de violências de gênero contra as mulheres. O objetivo é compreender estes conceitos e de que forma tais construções exercem influências nas violências de gênero contra as vítimas.

Foi utilizado o método de pesquisa exploratória através de revisão sistemática de literatura. A fim de alcançar o objetivo proposto, se apresentará o conceito de corpo e violência, gênero e sexualidade, identidades de gênero e de violências de gênero conforme a Lei 11.340/2006. Propõe-se compreender as violências de gênero sob seus múltiplos aspectos e em suas diversas manifestações. Finalmente, sugere-se o desenvolvimento da resiliência diante das violências de gênero, buscando mecanismos efetivos que fortaleçam as mulheres, a fim de possibilitar a transposição das condições adversas em que eventualmente se encontrem.

No artigo nono, a discussão sobre as questões envolvendo sexualidade e gênero vem tomando lugar nos diversos setores sociais, configurando-se como espaço de luta pelos direitos humanos e pela democracia no país. Diante disso, a adolescência, período marcado por descobertas, curiosidades, experimentações, afirmações e identidades de escolha, torna-se a fase ideal para intervenções, principalmente na escola, por ser um dos principais espaços de socialização para os jovens. Dessa forma, o trabalho se propôs a compreender as dificuldades existentes nos processos educativos que alicerçam a discussão acerca das construções sobre gênero e sexualidade nas escolas. Sendo assim, a pesquisa foi orientada por uma abordagem de produção baseada em uma revisão de literatura. A base de dados empregada foi a SciELO, na qual buscou-se os artigos usando os descritores “Gênero”, “Sexualidade” e “Ensino”. A partir das análises dos artigos, observou-se que a busca por uma educação libertadora e não mais enraizada em conceitos

pré-estabelecidos socialmente trata-se de um processo e de uma evolução que, articulados à uma conscientização ético-política dos sujeitos envolvidos, propicia uma reconstrução e ressignificação dos sentidos atribuídos à sexualidade, ao pertencimento de gênero e ao contexto social amplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos em todo o processo histórico-social e a forma que fomos moldando os comportamentos, as vivências, os pensamentos e os seres, começamos a despertar para a falta de naturalidade que fomos tomando com o passar do tempo. Nascermos sabendo o que temos que fazer, como temos que fazer, quando temos que fazer e não nos questionamos sobre o porquê. Existe uma relação tão forte com a ancestralidade biológica e comportamental, que esquecemos que dentro de cada pessoa existe um mundo subjetivo tão particular e preciso que está apenas esperando para despertar.

Nos prendemos aos conceitos e preceitos que toda a naturalidade e singularidade é deixada de lado para nos fazermos seres aceitáveis e pertencentes a um sistema que pouco se importa com o que sentimos ou pensamos. Somos um produto que deve servir para algo que não necessariamente sirva para nós, viver uma vida que não condiz com o que realmente desejamos, somos ou queremos.

A Educação Sexual na escola tem como objetivo fundamental e imutável, contribuir para que as crianças possam viver suas sexualidades, gêneros e expressões da forma mais emancipatória, prazerosa e efetiva. Esse tema vincula-se ao exercício de cidadania na medida em que se propõe a trabalhar o respeito a si e pelo outro, ao mesmo tempo que busca garantir direitos básicos a todos, como a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades, de seus direitos, de seus deveres, mas principalmente, da sua liberdade de ser.

Assim, a educação para a sexualidade vem para mostrar e incentivar que a nossa subjetividade, as nossas características, vontades e desejos devem nos servir. É se reconhecer enquanto ser em qualquer lugar social, mas principalmente, dentro de si.

## REFERÊNCIA

BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014

BRASIL. Referencial Curricular Nacional. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf) . Acesso em: 20/09/2017.

BURKERT, Walter. Religião Grega na Época Clássica e Arcaica, p.300-301. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. Portugal, 1977

CAMARGO, A.M.F; RIBEIRO, C. Sexualidade(s) e Infância(s): A sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Editora Universidade de Campinas, 1999.

CARBONARI, P.C. Educação em direitos humanos: por uma nova pedagogia. In: VIOLA, S. E. A.; ALBUQUERQUE, M. Z. (Orgs.). Fundamentos para educação em direitos humanos. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 119-127.

CARMO, I. (1997). Magros, gordinhos e assim-assim: perturbações alimentares dos jovens. Porto: Edinter.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Relações de gênero na escola: lições do projeto de formação em educação não sexista. Lilás: Revista Informativa da Coordenadoria da Mulher, Recife, Ano 3, n.3, jan. p.28-36, 2004.

CESAR, M.R.A. Lugar de Sexo é na escola? Sexo, Sexualidade e Educação sexual. In Sexualidade; Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED, 2009, p. 49-58.

CUNHA, A. G. Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Cunha, M.J. (2004). A imagem corporal. Uma abordagem sociológica à importância do corpo e da magreza para as adolescentes. Azeitão: Autonomia 27.

DALLARI, D.A. Direitos humanos e cidadania. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2004.

DEL PRIORE, M. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o Império. In: História Social da Infância no Brasil, organizado por Marcos Cezar de Freitas. São Paulo: Cortez, 1997, p. 84-106.

DIÓGENES, E. M. N.; ROCHA, M. C. J.; BRABO, T. S. A. M. Os movimentos feministas brasileiros na luta pelos direitos das mulheres. In: BRABO, T. S. A. M. Educação, Mulheres, Gênero e Violência. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 305-322.

FAGUNDES, T.C.P.C. Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero. Salvador: Ed. Helvécia, 2005, p.14-20.

FINCO, D. Socialização de gênero na educação infantil. Cienc. Let, Porto Alegre, n.43, p.261-274, 2009. Disponível em : <http://www1.fapa.com.br>. Acesso em: 16/05/2018

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I : A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977, p. 6-10.

FOUCAULT, M. (2002). Microfísica do poder (17ª Edição). Rio de Janeiro: Ed. Graal. (Edição original de 1979).

FREUD, S. El Final del Complejo de Édipo, 1923. In Obras Completas, vol. II, Madrid. Ed. Biblioteca Nueva, 1968, p. 501-504.

FURLANI, J. "Ideologia de Gênero"? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha. Versão Revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>>. Acesso em: 31 de Dezembro 2017.

GAYA, A. (2005). Será o corpo humano obsoleto? *Sociologias*, 13, p. 324-337.

JUNQUEIRA, R.J. Corpos, Gênero e Sexualidade na escola: por uma educação promotora do reconhecimento da diversidade sexual e de gênero. IN: Ribeiro, P.R.C, et al (orgs.) *Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia*. 2 ed. Rio Grande, FURG, pp 12-16

LOURO, G.L. Sexualidade: lições da escola, In: Meyer, D.E.E. (org.). *Saúde e Sexualidade na escola*, 2 Ed. Porto Alegre: Mediação, p.85-96, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 125-140, 2001.

LOURO, G.L. Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2003

LOURO, G.L. Feminilidades na pós-modernidade. *Labrys. Estudos Feministas (Online)*, v.10, 2006. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/guacira.htm> Acesso em 03/10/2017

MACCOBY, E.E. Role Talking in Childhood and its Consequences for School Learning. *Child Development*, vol. 30, p. 239-258. 1959.

MARINHO, Genilson. *Educar em Direitos Humanos e formar par cidadania no Ensino Fundamental*. São Paulo: Ed. Cortez, 2012.

MATOS, A. A. de; LOPES, M.de F. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP para mulher. *Estudos Feministas*, v. 16, n. 1, p. 61-76, 2008.

MAUAD, A.M. A vida das crianças de elite durante o Império. In: *História Social da Infância no Brasil*, organizado por Marcos Cezar de Freitas. São Paulo: Cortez, 1997, p.137-176

MEAD, M. *Coming of Age in Samoa: A psychological Study of Primitive Youth for Wistern Civilisation*. Editora: William Morrow and Company, 1928.

MEAD, M, *Sexo e Temperamento*. Tradução: Kraus, R.R. Editora: Perspectiva, ed. 4, 2000.

MEYER, D.E.; SOARES, R.F.R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: Meyer, D.E. (org.) *Corpo, Gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, p. 5-6, 2004

MEYER, D.G. Escola, currículo e diferença: implicações para a docência. In: Barbosa, R.L.L. *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo, UNESP, p. 257-265; 2003.

MEYER, E.E.; KLEIN, C.; ANDRADE, S.S. *Sexualidade, Prazeres e Vulnerabilidade: questões para a Educação Escolar*. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED. 2009, p.81-89.



MOITA LOPES. Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MÜLLER, V.R. História de crianças e infâncias: registros, narrativas e vida privada. Rio de Janeiro: Vozes, 2007

NOSELLA, M.L.C.D As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. Campinas: Moderna/UNICAMP, 1981.

Novaes, J. V. (2006). Ser mulher, ser feia, ser excluída. [versão online]. Acesso em 11 de janeiro, 2019 em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>

NUNES, C.A, SILVA, E. A Educação das Crianças: Subsídios teóricos e propostas praticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP. Autores Associados, 2000.

Paim, M. C. C. ; Strey, M. N. (2004). Corpos em metamorphose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na actualidade. [versão online]. Revista Digital Buenos Aires, 79. Acesso em 26 de janeiro, 2019, em <http://www.efdeportes.com/efd133/cultura-de-tempo-livredo-trabalhador.htm>

PARÁ. Decreto 625, de 2 de janeiro de 1899.

Pelegrini, T. (2006). Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. [versão online]. Revista Urutáguia, 08. Acesso em 12 de dezembro, 2018, em [www.urutagua.uem.br/008/08edu\\_pelegrini.htm](http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm)

PLEBE, A. Breve História da Retórica Antiga. São Paulo: E.P.U., 1978

RAGO, M. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola, Trad. A.V. Fuzatto. Campinas: Moderna/ UNICAMP.

RIDENTI, S.; VIANNA, C. Relações de gênero e escola: das diferenças aos preconceitos. In: Aquino, J.G. (org.) Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. 3 ed. São Paulo, Summus, p.93-105, 1998.

ROSÁRIO, N. M. (2006). *Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose*. [versão online]. Acesso em 14 de novembro, 2018, em [http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia\\_semiotica/conteudos/corpo.htm](http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm)

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99

SENNETT, Richard. Carne e Pedra – O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental. 1994, p.38

SILVA, C.D.; BARROS, F.; HALPERN, S.; SILVA, L.A.D. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. Caderno de Pesquisa. São Paulo, n107, pp 207-225, 1999.

SILVA, R.A.S, O ponto fora da curva. In: Meyer, D.; Soares, R.F.R. (orgs.) Corpo, gênero e sexualidade. Porto Alegre: Mediação; p.85-94, 2004.

SOARES, G.F. Mulher e espaço escolar: uma discussão sobre as identidades de gênero. In: Ribeiro, P.R. C. et al. (org.) Educação e Sexualidade: Identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia. 2 ed. Rio Grande, FURG, p.124-134. 2008

SOUZA, J.F. Gênero e Sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil, recuperado em 08/11/2017, de <http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/Souza.pdf>. 2005.

SUÁREZ, M. Reflexões sobre a noção de crime sexual. Brasília, UnB, 1995. Séries Antropológicas, 178.

TOSCANO, M. Estereótipos sexuais na educação: um manual para o educador. Petrópolis: Vozes, 2000.

TUCHERMAN, I. Breve história do corpo e de seus monstros. Lisboa: Veja. 2004

TURNER, B. (1994). Preface. In P. Falk (Ed.), *The Consuming Body* (p. 7 - 17). London: Sage Publications.

VAZ, P. (2006). Corpo e risco. [versão online]. Acesso em 12 de janeiro de 2017, em <http://www.angelfire.com/mb/oecantador/paulovaz/INDEX.html>

VIOTTO FILHO, I.A.T.; PONCE, R.F.; ALMEIDA, S.H.V. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotsky e Wallon: pequenas introduções as teorias e suas implicações na escola. *Psicol. Educ.*, São Paulo, n.29, p.27-55, dezembro, 2009. Disponível em : [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000200003&lng=pt&nrm=iso).

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. 6 ed. São Paulo, 2006.

WHITAKER, D.C.A. Menino-menina: sexo ou gênero? Alguns aspectos cruciais. In: Serbino, R.V.; Grande, M.A.R.L. (orgs.) *A escola e seus alunos: o problema da diversidade cultural*. São Paulo, UNESP, p.31-52, 1995

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa "Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX"

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise de Discurso 84, 90, 224, 227, 239

Assédio 118, 119, 120, 121, 122, 183, 203

### C

Cidadania 20, 36, 53, 54, 65, 126, 172, 187, 191, 193, 199, 226, 238, 272, 273, 274

Coeducação 62, 70, 71

Cultura 24, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 108, 155, 213, 241, 272, 273, 277

Cultura Machista 96

### D

Desigualdade 12, 16, 26, 63, 64, 110, 114, 116, 120, 134, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 177, 178, 188, 194, 224, 226, 237, 238, 239, 271

Diferença Sexual 28, 31, 32, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 157, 190

### E

Educação 35, 36, 38, 41, 53, 54, 55, 62, 68, 70, 71, 83, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 117, 155, 164, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 226, 228, 240, 241, 252, 254, 263, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Educação Formal 111, 132, 140, 142

Ensino de Língua Portuguesa 84, 85

Estereótipos 16, 39, 41, 44, 62, 63, 68, 69, 71, 80, 84, 85, 91, 162, 202, 218, 249, 250, 265, 276

### F

Feminismo 24, 25, 26, 27, 28, 31, 35, 66, 82, 83, 123, 131, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 184, 186, 202, 212, 214, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 270

Formação de Motoristas 36

### G

Gerencialismo Neoliberal 123

Gestão Educacional 96

### I

Identidade de Gênero 29, 70, 84, 91, 192, 193, 195, 197, 209, 210, 212

Identidade Feminina 24, 25, 27, 28, 30, 34, 87, 147, 210

Identidades 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 55, 61, 63, 84, 85, 93, 110, 111, 112, 132, 157, 196, 197, 201, 202, 207, 216, 221, 228, 233, 237, 268, 270, 271, 274, 275, 276

Imagem 40, 43, 56, 57, 58, 59, 61, 98, 133, 161, 162, 211, 226, 245, 273

Isolamento 12, 13, 16, 17, 18, 21, 23, 118

## **M**

Masculinidades 36, 39, 55, 89

Medicalização 73, 76, 77, 78, 79, 80, 83

Moral 5, 10, 15, 53, 60, 99, 118, 119, 120, 121, 137, 143, 146, 147, 157

Mulher 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 42, 43, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 98, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 181, 183, 184, 187, 190, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 225, 226, 227, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 252, 259, 260, 261, 266, 273, 274, 275, 276

Mulheres 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 39, 40, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 273

## **P**

Papéis de Gênero 36, 51, 54, 194

Patriarcalismo 26, 118, 119, 120, 121, 203, 212

Pin-Up 56, 57, 59, 60, 61

Políticas Públicas 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 166, 183, 190, 192, 194, 195, 221, 236, 240

Práticas Escolares 96, 102, 274

## **Q**

Quebradeira de Coco Babaçu 110, 112, 117

## **S**

Saúde da Mulher 73, 74, 80, 82, 113, 134, 142, 145, 149, 150, 152

Século XX 108

Sexualidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 54, 57, 58, 60, 61, 63, 66, 70, 71, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 132, 143, 155, 156, 159, 163, 164, 169, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 243, 244, 248, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

## **T**

Trabalhista 118, 203

Trânsito 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 159, 214, 218, 219, 220, 221

## **V**

Violências 13, 15, 110, 113, 143, 198, 268, 269, 270, 271

# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 